



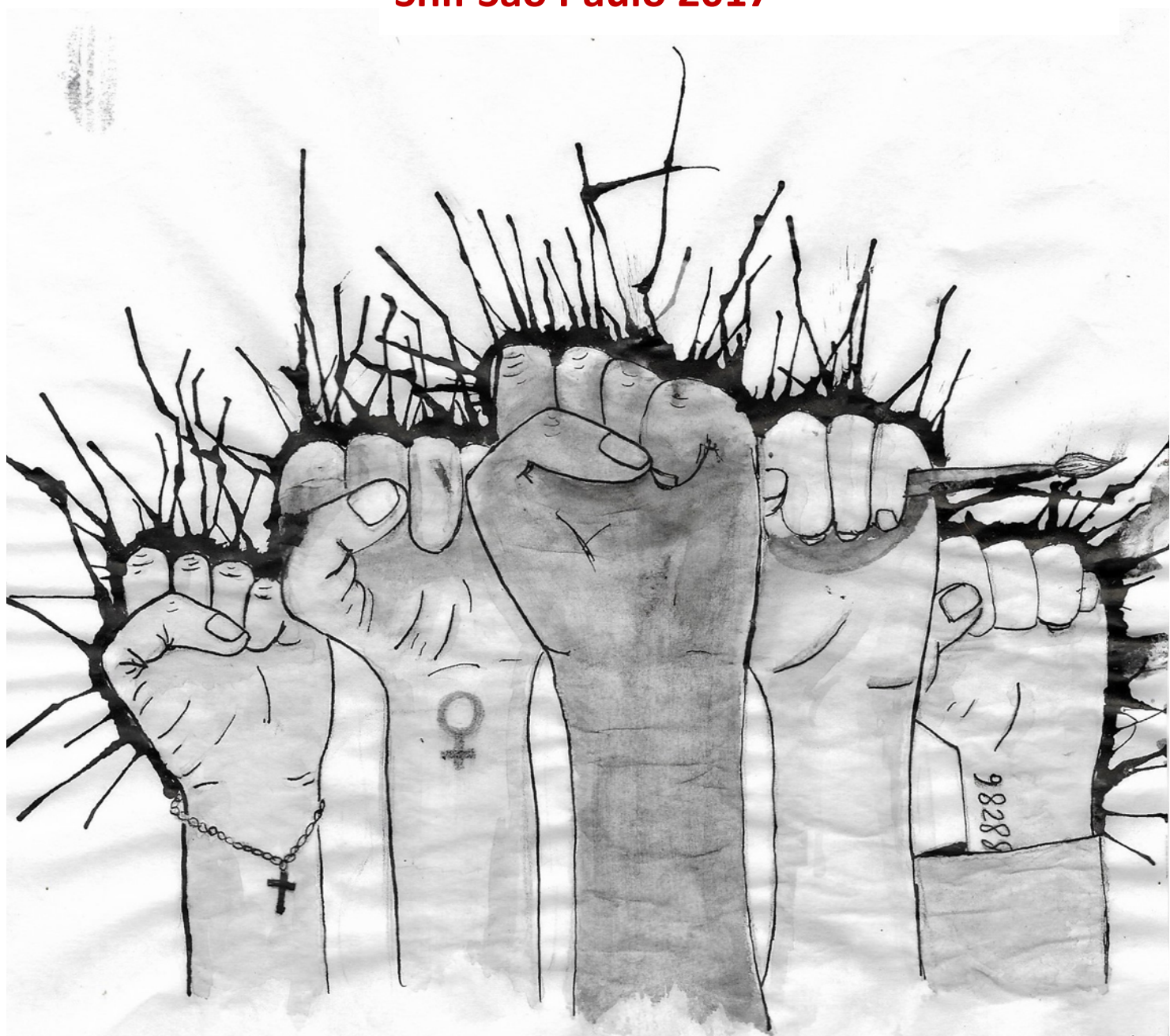
Habonim Dror

פסח של הגדה

Hagadá de Pessach

Habonim Dror

Snif São Paulo 2017



פתיחה - Introdução

Comparamos Pessach com uma grande peulá ou com uma atividade altamente educacional. Com o objetivo de lembrar uma história e passar seus valores, a Hagadá conduz uma noite agradável: com canções, metáforas, comida e jogos, ela transmite todo seu conteúdo por meio de uma linguagem fácil para as crianças, sem perder sua essência e complexidade.

E assim também são os sábados no Habonim Dror. Transmitimos nossas ideologias e princípios com dinâmicas, jogos e discussões para crianças e jovens, de uma maneira leve e profunda. Acreditamos em uma educação não-formal e questionadora, ao mesmo tempo em que a utilizamos como ferramenta para se alcançar nossa *hagshamá* (realização).

Nós, como Judeus que acreditamos no judaísmo cultural humanista, dinâmico e renovador, vemos a reza como parte de uma tradição hereditária. Algumas delas fazemos por costume e outras adaptamos para reacreditar no que foi escrito há muito tempo atrás.

O período de Pessach é o final da estação chuvosa em Israel e no Oriente Médio. É quando a cevada começa a secar e está pronta para ser colhida. Assim, o povo peregrinava até Jerusalém para dar parte de sua cevada como oferenda ao templo. Cinquenta dias depois, em Shavuot, era a vez do trigo.

Conta o Rabi Baal ShemTov que uma vez, na hora do Kol Nidrei, quando todo mundo rezava na sinagoga com muita devoção, foi o choro de um garoto que não sabia rezar o verdadeiro motivo que abriram as portas do céu, emocionando Deus e o Rabino, logo depois a congregação. O Chassidismo nos ensina que para nos conectarmos com Deus (seja quem for essa figura para cada um de nós) não precisamos saber exatamente todas as palavras e sua pronúncia, o que realmente importa é como abrimos nosso coração e damos significado às coisas que fazemos. A reza é uma poesia sagrada e a Tefilá uma reafirmação humana para algo divino, por conta disso, deve ser algo significativo para aquele que reza, com o que ele se identifica.

Atualmente, em Israel, Pessach é um alívio das obrigações, uma pausa de duas semanas na escola, nas universidades e em muitos locais de trabalho. É o momento de fazer a grande faxina anual em casa. É o momento de fazer passeios pela natureza, pois finalmente o frio e a chuva terminaram. É o momento de juntar a família e amigos



no seder, cantar juntos, ler e relatar a história milenar de um povo que se reinventa.

Convidamos vocês, por meio desta Hagadá, a participar conosco do seder e entendê-la como parte íntegra de nossa identidade e nossa história, convidando-os a acreditarem que cada um de nós tem que ser parte dela para poder cada ano seguir construindo nosso futuro.

Homenagem - Olga Benário Prestes



Olga Benário Prestes nasceu em 1908, em Munique. Aos 16 anos se mudou para a Alemanha com seu namorado Otto Braun.

Na Alemanha, participou de lutas da juventude trabalhadora e foi membro da Juventude Comunista. Devido seu destaque na atuação política, foi aceita nas fileiras do Partido Comunista da Alemanha. Após um tempo, ela e Otto foram forçados a abandonar sua pátria e fugir para Moscou. A partir de então, se tornou dirigente da Internacional Comunista da Juventude.

Em 1934 foi convidada a cuidar da segurança de Luis Carlos Prestes (por quem mais tarde se apaixonou e consolidou um casamento) em seu regresso ao Brasil para participar da luta antifascista então em curso. Porém, foi presa após as derrotas dos levantes que participou. Direto da cadeia (e já grávida) foi deportada à Alemanha, entregue a Hitler por Getúlio Vargas.

Novamente na Alemanha, fora interrogada dentro de uma prisão até ser levada a um campo de concentração. Junto com outras 200 mulheres, Olga morreu numa câmara de gás.

Hoje homenageamos essa mulher forte e corajosa, que lutou e resistiu por seus ideais.

Em Pessach, comemoramos a liberdade dos judeus na saída do Egito. Que hoje, então, possamos enxergar a liberdade como um direito, e não como uma comemoração.

“Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim



saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez, Olga” Trecho retirado a sua carta destinada a sua filha.

Kehará – קערה



Nessa noite (não exclusivamente), a transmissão da narrativa judaica se utiliza de uma dimensão simbólica muito importante: no lugar de apenas contarmos nossa história de maneira crua, de lermos textos e fazermos rezas sem o intuito de entendê-las, oferecemos para cada um uma variedade de símbolos para que se possa apre(e)nder tudo isso. Símbolos com cores, sons, cheiros e palavras. Músicas, comidas, mitos e perguntas, capazes de nos tocar e nos atingir em espaços pessoais que vão além da nossa racionalização e da nossa memória sistemática. Transmissão simbólica que, aliada a tantos questionamentos feitos nessa noite, chega ao nível de uma educação simbólica, não só de saberes e fatos, mas dos valores que compartilhamos e que podemos questionar.

A keará é um (ou 7) dos vários símbolos com os quais entramos em contato nessa noite. Seus elementos aguçam nosso sentido e nossa mente para que olhemos para trás e “experimentemos” um pouco do que foi (sobre)vivido no Egito. Mas a keará oferece essa experiência com uma dupla face potencialmente educadora: o significado partilhado e expresso; e, por outro lado, a internalização particular e única. O maror, por exemplo, representa a amargura vivida por nossos antepassados (sentido geral); mas, o quão amarga é essa sensação em nossas bocas, só nós mesmos podemos sentir

e tentar expressar. Os símbolos têm uma abertura para que cada um possa se envolver com seus sentidos gerais, que não são necessariamente estáticos, e ainda a possibilidade do envolvimento individual, seja ele mais mentalizado ou visceral.

Os símbolos, muitas vezes, se permitem ressignificar. Um segundo, terceiro, quarto olhar sobre cada um desses símbolos pode expor novas ideias, que complementam ou contestam as anteriores. Estamos livres para nos envolver nesse exercício de ressignificação individual e coletiva. Dizemos exercício propositalmente, pois, estarmos livres não nos isenta de nos esforçarmos e envolvermos com tudo aquilo que nos toca e é colocado diante de nós. A liberdade das escolhas está precedida por uma reflexão que muitas vezes pode ser cansativa, quase dolorosa e muitas vezes angustiante.

Voltando ao nosso “seder”, proporemos justamente um exercício. A keará aponta em direção ao passado. Não digo que no passado não estejam inscritos aprendizados para o nosso presente e futuro (nosso presente cada vez nos prova mais isso), mas, exercitemos nosso pensamento em direção ao futuro. A keará de Pessach é a keará de Pessach, não proponho que nos coloquemos a substituir o que está nela. Mas, que símbolos colocaríamos em nossa keará alternativa hoje? Símbolos que possam abrir possibilidades nas nossas vidas e na construção de um mundo que nos represente melhor.

Os símbolos estão no encontro do sentido. Sentido daquilo que foi vivenciado. Sentido do que vivemos. E por fim, sentido daquilo que almejamos e desejamos compartilhar.

veromemánu micol	bessimcha uvsasson
lashon vekideshánu	inchaltánu. Baruch Ata
bemitsvotáv, vatiten	Adonai, mecadesh
lánu Adonai Elohénu	Yisrael vehazmanim.

Kidush - קידוש

Savri maranán
verabanán verabotai
Baruch Ata Adonai,
Elohenú Melech
haolam, borê perí
haguefen
Baruch Ata Adonai,
Elohenú Melech
haolam, Asher báchar
bánu micol ám

beahavá moadím
lessimchá chaguim
uzmaním lessasson, et
yom Chag Hamatsot
haze. Veet Yom Tov
micrá codesh haze,
zeman cherutênu micrá
codesh zeche litsiat
Mitsráym, ki bánu
bacharta veotánu
kidashta micol haamim,
umoade codshecha



וּמוֹעֲדֵי קֹדֶשׁ בְּשִׂמְחָה
וּבְשִׁשּׁוֹן הַנְּחִלָּתָנוּ.

בָּרוּךְ אַתָּה יי, מְקִדֵּשׁ
יִשְׂרָאֵל וְהַזְמָנִים

סַבְרֵי מְרֵנָּה וְרַבָּנָה
וְרַבּוֹתֵי

בָּרוּךְ אַתָּה יי אֱלֹהֵינוּ
מֶלֶךְ הָעוֹלָם בּוֹרֵא פְּרֵי
הַגֶּפֶן.

בָּרוּךְ אַתָּה יי אֱלֹהֵינוּ
מֶלֶךְ הָעוֹלָם, אֲשֶׁר
בָּחַר בָּנוּ מִכָּל עַם

וְרוֹמַמְנוּ מִכָּל לָשׁוֹן
וְקִדְּשָׁנוּ בְּמִצְוֹתָיו.

וְתַתֵּן לָנוּ יי אֱלֹהֵינוּ
בְּאַהֲבָה

מוֹעֲדִים לְשִׂמְחָה, חַגִּים
וְזִמְנִים לְשִׁשּׁוֹן,

אֶת יוֹם חַג הַמִּצּוֹת
הַזֶּה,

זִמְנֵי חֲרוּתָנוּ

מִקְרָא קֹדֶשׁ, זִכָּר
לִיציאת מִצְרַיִם.

כִּי בָנוּ בְּחֵרֶת וְאוֹתָנוּ
קִדְּשָׁתָּ מִכָּל הָעַמִּים,

Atenção senhoras e
senhores,
Bendito és Tu, Adonai,
nosso Deus, Rei do
Universo, que cria o
fruto da vinha
Bendito és Tu, Adonai,
nosso Deus, Rei do
universo, que nos
escolheste dentre todas
as nações e nos
elevaste sobre todas as
línguas e nos

santificaste por meio de
seus ensinamentos. E
Tu, Adonai, nosso Deus,
nos deste com amor
Festividades para a
alegria, festas e épocas
para o regozijo; este dia
da Festividade de
Matzot e esta
Festividade de santa
convocação, época da
nossa libertação, uma
santa convocação, em
recordação da saída do
Egito. Pois a nós Tu
escolheste e nos
santificaste dentre
todas as nações e Teus
Feriados sagrados nos
deste com alegria e
júbilo. Bendito és Tu,
Adonai, que santifica
Israel e as épocas.

A primavera é a estação do novo crescimento e nova vida. Todo ser vivo deve ou crescer, ou morrer; crescimento é um sinal e uma condição da vida.

Seres humanos são talvez únicos entre os habitantes da terra. Nosso crescimento mais significativo ocorre interiormente. Nós crescemos quando atingimos novos entendimentos profundos e claros, novos conhecimentos, novos objetivos.

Levantemos nossos copos para representar nossa gratidão pela vida, e pela alegria de conhecer o crescimento interno, o qual dá significado a vida humana. Juntos, com copos erguidos, diremos:



Pri hagueffen – itó nishte la haiyim!
L'-Haiyim!

O fruto do vinho – Com ele, vamos beber
The fruit of the vine - with it, let us drink "To Life!"

מה נשתנה - Ma Nishtaná

a nishtanahalaila haze	מה נשתנה הלילה הזה	Em que é diferente esta
Mikolhaleilot	מכל הלילות	noite
Mikolhaleilot	מכל הלילות	De todas as noites
Shebechol haleilo anu ochlin	שבכל הלילות אנו אוכלין	De todas as noites
Chametz umatza, chametz	חמץ ומצה, חמץ ומצה	Que todas as noites nós
umatza	הלילה הזה, הלילה הזה	comemos
Halaila haze, halaila haze	כולו מצה.	Chametz e matza
Kulo matza		Esta noite
	שבכל הלילות	Somente matza
Shebechol haleilot	אנו אוכלין	
Anu ochlin	שאר ירקות, שאר ירקות	Que todas as noites
Shear yerakot, shear yerakot	הלילה הזה, הלילה הזה	Nós comemos
Halaila haze, halaila haze	כולו מרור.	Várias verduras
Kulo maror		Esta noite
	שבכל הלילות	Somente maror
Shebechol haleilot	אין אנו מטבילין	
Ein anu matbilin	אפילו פעם אחת, אפילו	Que todas as noites
Afilu paam achat,	פעם אחת	Nós não mergulhamos [na
afilu paam achat	הלילה הזה, הלילה הזה	água salgada]
Halaila haze, halaila haze	שתי פעמים.	Nem sequer uma vez
Shetei peamim		Esta noite
Shebechol haleilot	שבכל הלילות	Duas vezes
Anu ochlin	אנו אוכלין	Que todas as noites
Bein yoshvin uvein mesuvin,	בין יושבין ובין מסובין, בין	Nós comemos
bein yoshvin uvein mesuvin	יושבין ובין מסובין	Sentados ou reclinados
Halaila haze, halaila haze	הלילה הזה, הלילה הזה	Esta noite
Kulanu mesuvin	כולנו מסובין	Todos nós nos reclinamos

Educar é resistir

Ao pensarmos em resistência, fazendo parte de um movimento juvenil, é



indispensável pensarmos também em educação.

Acreditamos que a educação deve garantir um espaço onde a criança se sinta instigada e confortável a questionar e fazer perguntas para tirar suas dúvidas, se sinta interessada pelo aprendizado. Por isso, nos é importante seguir cantando o Manishtaná e reestruturando, a cada ano, o significado dos 4 filhos, visto que ambos prezam pelo cuidado da educação, do ponto de vista de que esta parte da própria criança.

Temos como inspiração um grande educador, Janus Korczak, uma grande referência, visto que prezava pelo mundo da criança, sua autonomia como ferramenta para seu desenvolvimento e também a compreensão das características e necessidades da criança como um “ser”, e não um “vir a ser”, o que desde sua época se caracteriza por um método de educação diferenciado. Além disso, Korczak lutou pelo que acreditava até seu último momento de vida, tendo a noção não somente do seu papel como educador, mas também como participante do processo educativo.

Pensando nos dias atuais e seguindo seu exemplo, os movimentos juvenis adquirem um papel fundamental e podem ser considerados muito importantes para o desenvolvimento de um indivíduo. No Habonim Dror, visamos a educação não formal como método de aprendizagem, e reforçamos o papel da kvutzá e do indivíduo dentro dela, sabendo valorizar e considerar também as especificidades de cada um.

Lutar por nossos ideais baseando-nos em métodos que tenham valor para nós, hoje em dia, também é resistir.



Os quatro filhos

Em quatro passagens, a Torá fala da obrigação dos pais de contarem a seus filhos sobre a saída dos judeus do Egito. Assim, a Hagadá sugere que a narrativa de Pessach seja contada de quatro formas diferentes, pensando em quatro tipos diferentes de crianças: a inteligente, a malvada, a ingênua e a que é muito jovem para perguntar.

Seguindo essa ideia decidimos trabalhar com 4 tipos diferentes de educação, relacionando-os com as 4 crianças sugeridas pela hagadá tradicional.

O filho inteligente:

Diz-se, na Torá, que a criança inteligente é aquela que pergunta “o que significa tudo isso?”. Ao falarmos com essa criança, antes de tudo, desclassificamos a palavra “inteligência”, e atribuímos o termo “curiosa”, que nos possui maior valor. O pilar do conhecimento que nos remete a ela é “Aprender a fazer”, pois diz respeito à comunicação e aplicar, na prática, seus conhecimentos teóricos: é essencial que cada indivíduo saiba comunicar. Não apenas reter e transmitir informação, mas também interpretar e selecionar as torrentes de informação, muitas vezes contraditórias, com que somos bombardeados diariamente; analisar diferentes perspectivas e refazer as suas próprias opiniões mediante novos fatos e informações.

O filho malvado:

Antes de qualquer coisa, resignificaremos aqui também o termo. Para nós, “malvado” não se aplica. Seria esse, assim, o filho que lida com indiferença. Este pergunta “o que isso representa pra vocês?” e, assim, isola-se da comunidade. A esse filho, atribuímos “aprender a viver com os outros”, um pilar da educação associado ao campo das atitudes e valores. Cai neste campo o combate ao conflito, ao preconceito e às rivalidades milenares ou diárias. Se aposta na educação como veículo de paz, tolerância e compreensão.

O filho ingênuo:

É aquele que pergunta “o que é isso?”. A essa criança, atribuímos a educação “aprender a ser”: pretende-se formar indivíduos autônomos, intelectualmente ativos e independentes, capazes de estabelecer relações interpessoais, de comunicarem e evoluírem permanentemente, de intervirem de forma consciente e proativa na sociedade.



O filho que é jovem demais para perguntar:

Apesar desse trecho da Torá se referir a esse filho de tal maneira, acreditamos que nunca se é jovem demais para perguntar. Desse modo, a essa criança, relacionamos a educação “Aprender a conhecer”; Pretende-se despertar em cada educando a sede de conhecimento, a capacidade de aprender cada vez melhor, ajudando-os a desenvolver as ferramentas e dispositivos intelectuais e cognitivos que lhes permitam construir as suas próprias opiniões e o seu próprio pensamento crítico.

Sobre os quatro copos

Existem muitas interpretações para os 4 copos de vinho de Pessach. Uma delas é a de que as taças simbolizam os 4 feitos do povo judeu perante os egípcios: não trocaram seus nomes hebraicos, falavam a língua hebraica, levaram uma vida segundo seus próprios valores e permaneceram leais uns aos outros. Ou seja, feitos que os mantiveram como povo e como judeus.

Perante o regime nazista, os judeus também tiveram seus feitos. Cada ação era motivo de questionamento e tornava-se um dilema que envolvia a vida. Como resposta ao antissemitismo vigente, a oposição, seja ela composta por judeus ou não, adquiriu formas diversas e atuou em diferentes âmbitos.

Resistiu quem conseguiu um pedaço de pão

Resistiu quem deu aula às ocultas.

Resistiu quem escreveu e distribuiu um jornal clandestino, advertindo e pondo fim às ilusões.

Resistiu quem introduziu secretamente um Sefer Torá.

Resistiu quem falsificou documentos “arianos” que salvaram vidas.

Resistiu quem conduziu os perseguidos de uma terra a outra.

Resistiu quem descreveu os acontecimentos e enterrou o papel.

Resistiu quem ajudou aos mais necessitados ainda.

Resistiu quem pronunciou as palavras que trouxeram seu próprio fim.

Resistiu quem se ergueu com mãos nuas contra seus assassinos.

Resistiu quem transmitiu mensagens entre os sitiados, e conseguiu trazer instruções e algumas armas.

Resistiu quem sobreviveu.

Resistiu quem combateu armado nas ruas das cidades, nas montanhas e florestas.

Resistiu quem se revoltou nos campos de extermínio.

Resistiu quem se rebelou nos guetos, entre os muros caídos,

na revolta mais destituída de esperança que algum ser humano jamais vivenciou.



(Haim Guri)

Originalmente, a palavra “holocausto” era utilizada para nomear uma das formas de se fazer sacrifícios de animais no Antigo Testamento, em homenagem aos deuses, na qual o animal era totalmente queimado. Essa palavra, portanto, não é a ideal para designar um dos maiores genocídios da história. O nome “Shoá”, que significa “calamidade”, em iídiche, substitui, o termo “holocausto” de maneira mais adequada.

Os 4 copos dessa Hagadá serão dedicados aos diferentes tipos de resistência na Shoá que, assim como no Egito, mantiveram os judeus como povo e como judeus.

O Primeiro Copo – Confronto

Em meio a segunda Guerra Mundial e a opressão cada vez maior, surgiram várias formas de resistência, entre elas o confronto, como levantes e grupos de partisans. Zivia Lubetkin, chavera do Dror, foi uma das poucas líderes mulheres do levante do Gueto de Varsóvia. Em muitos de seus depoimentos, afirmou que o segredo para a força de movimento foi a educação que recebeu na tnuva, que lhe proporcionou o caráter de liderança e o ímpeto de manter-se aberta para os outros, mesmo nas situações mais difíceis.

Outra forma de luta foram os partisans, termo que ficou conhecido para se referir a movimentos de confronto ao regime nazista. Muitas vezes, eles fugiam para as florestas e formavam acampamentos para se esconder e planejar táticas guerrilheiras. Um dos importantes membros desses grupos foi o primo Levi, que esse ano completa 30 anos de sua morte.

Hoje levantamos esse copo em homenagem a todos que, apesar das dificuldades, tiveram força para enfrentar as inúmeras opressões que sofreram no dia a dia durante a Segunda Guerra

Le Chaim!

As Dez Pragas - עשר המכות

Ao mencionar cada uma das dez pragas, deve-se derramar (ou tirar com o dedo mindinho) algumas gotas de vinho. Esse costume tem origem no Midrash: Ele nos



conta que, quando Deus abriu o Mar Vermelho para salvar os judeus e fechou-o, em seguida, afogando os perseguidores egípcios, os anjos do céu queriam cantar um hino de louvor, mas Deus repreendeu-os, dizendo: “Minhas criaturas estão se afogando no mar e vocês querem cantar?”.

Dessa passagem entende-se que não devemos nos alegrar na hora da dor de outras pessoas, mesmo na dor de nossos inimigos. Somos todos seres humanos. Por isso, derramamos vinho do nosso copo. Ele não pode estar cheio ao comentarmos a tristeza alheia.

Dam—Sangue - דם

Tsefardêa—Rãs - צפרדע

Kinim— Piolhos - כנים

Aróv - Animais Ferozes - ארוב

Déver— Peste - דבר

Shechin—Sarna - שחין

Barad— Granizo - ברד

Arbê— Gafanhotos - ארבה

Chóshech— Escuridão - חשך

MacatBechorot - Morte aos primogênitos - מכת בכורות

Todo ano, relembremos a história de Pessach: desde os tempos de escravidão até o recebimento das Tábuas da Lei. Uma história de transição para a liberdade que teve, como meio, as 10 pragas. As 10 pragas formam um sistema coerente. A cada recusa do Faraó em deixar o povo judeu partir, uma nova calamidade se abate sobre o Egito. O Midrash revela que cada praga foi consequência direta de uma ação específica e equivalente mau-trato, tortura ou crueldade perpetrados pelos egípcios contra os judeus. Os castigos que se abateram sobre todo o Egito não atingiram os judeus que lá viviam. Ao fazer esta distinção entre o opressor e o oprimido, manifestou-se, nos judeus, uma perspectiva de mudança. Após a terceira praga, os judeus pararam de trabalhar para os egípcios, como forma de resistência. Resistir é, em certa medida, a manifestação da perspectiva da mudança do rumo à liberdade.

A liberdade não deve ser restrita a apenas uma parte das pessoas, mas sim compartilhada por todos. Listamos, portanto, 10 movimentos de resistência nos dias atuais que buscam a liberdade social, religiosa, cultural e nacional.

Resistência negra

Resistência contra a intolerância religiosa

Resistência da mulher

Resistência dos refugiados

Resistência LGBT+

Resistência à Ditadura

Resistência periférica

Resistência operária

Resistência indígena



Resistência pelo direito de manifestação

Resistência negra

Resistência negra são todos os movimentos, fugas, desobediência civil, e outros atos dos negros africanos e seus descendentes em todas as épocas da história, contra a escravidão, o racismo, a opressão e a exploração. Um exemplo de fuga são os Quilombos, locais de refúgio dos escravos africanos em uma época que a escravidão na América era legalizada ou comunidades negras rurais que agrupam descendentes de escravos, vivendo, atualmente, de cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado. O Movimento pelos Direitos Civis, liderado por Martin Luther King, defendia a obtenção da igualdade racial por meios pacíficos, com a extensão do direito ao voto a todos os negros e o uso de táticas como boicotes e desobediência civil sem atos violentos, nos Estados Unidos na década de 1960.

Resistência contra a intolerância religiosa

Intolerância religiosa é um termo que descreve um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas que, somadas à falta de habilidade ou a vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, é considerado um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana. A resistência contra a intolerância religiosa luta pela liberdade religiosa, que é a luta pelo direito de ter uma religião e crer em qualquer ser divino, pelo direito de não ter uma religião e não crer em um ser divino e pela neutralidade religiosa em espaços públicos, além da laicidade do estado e da busca por respeito dos indivíduos ou grupos de qualquer crença.

Resistência da mulher

A voz do sexo feminino é silenciada pela masculina e por um sistema opressor, que, muitas vezes, não garante a elas direitos básicos. Muitas mulheres sofreram e sofrem injustiças, dos mais variados tamanhos e gravidades, pelo simples fato de serem do sexo feminino. O simples fato de as mulheres seguirem vivendo sua vida cotidiana, estudando, trabalhando e ocupando espaços que desejam na sociedade, já é um ato de resistência frente a uma sociedade que as limita em todos os âmbitos. O feminismo é um movimento social e político que tem como objetivo lutar por igualdade. É, com várias correntes, uma alternativa de organização política de resistência à opressão da sociedade machista. Se há muitos anos uma das lutas feministas era o direito ao voto, por exemplo, hoje em dia, elas lutam por perceptibilidade. A ausência de mulheres protagonizando histórias, debates e espaços de poder já não pode ser ignorada, o salário da mulher brasileira que é 74,5% da média



de salário masculina, a violência contra a mulher e os feminicídios são alguns tópicos aos quais as mulheres resistem.

Resistência dos refugiados

Refugiado é toda a pessoa que, em razão de temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer regressar ao mesmo, ou devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outros países. Correr perigo em seu país, viajar longas distâncias em péssimas condições, enfrentar uma cultura diferente e sofrer discriminação no novo país, seja por preconceito cultural ou por xenofobia, são algumas das situações às quais os refugiados resistem, em prol de sua sobrevivência e bem estar.

Resistência LGBT+

LGBT+ é uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, travestis, transexuais, transgêneros e outros sujeitos políticos que possuem uma diversidade de questões, predominantemente relacionadas a gênero e a sexualidade. A repressão contra os LGBT+ são ações que podem ocorrer tanto pelas mãos de indivíduos ou grupos, como por parte da aplicação de leis governamentais visando as pessoas que contrariam as regras da heterocisnormatividade. Por isso essas pessoas resistem diariamente. O Movimento LGBT+ é um movimento político que visa a proteção a pessoas LGBT+ de ataques violentos; promover o reconhecimento legal de matrimônios para todos os casais; contar histórias justas e corretas sobre pessoas LGBT+ na TV, em filmes, na mídia de notícias e na historiografia; exigir reconhecimento legal para os direitos de pessoas trans a passaportes, títulos de eleitor e locais públicos; entre outros. Uma das formas de visibilidade LGBT+ é a Parada do Orgulho Gay, que ocorre em vários países ao redor do mundo, exibindo para a sociedade que, apesar da opressão, os gays existem e resistem.

Resistência à Ditadura

O movimento militar de 1964 encerrou um período de liberdade política como nunca havia existido no Brasil até então, que estendeu-se até 1974. No decorrer do período, surgiram várias formas de resistência à ação repressora do regime nos planos político, sindical e cultural. No plano político-parlamentar, grupos de oposição mais extremistas desistiram de combater o governo por meio de palavras e resolveram organizar movimentos guerrilheiros para tirar os militares do poder pela força das



armas. O movimento operário também tentou reagir às restrições das ações sindicais e ao arrocho salarial imposto pelos militares por meio de greves. No plano da cultura, os festivais da canção organizados pela TV Excelsior de São Paulo foram uma grande oportunidade para que cantores e compositores manifestassem sua oposição ao regime militar devido ao enorme alcance que essas apresentações tinham entre os jovens. Resistir à ditadura é lutar pela democracia, seja no Brasil ou em qualquer outro lugar do Mundo.

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão
(Trecho da música "Pra não dizer que não falei das flores" de Geraldo Vandré)

Resistência periférica

Quando tratamos de “periferia”, reportamo-nos a um conjunto de fenômenos que indicam, em boa parte dos casos, processos sociais geradores de desigualdade. O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Isso gerou um amplo processo de exclusão social. Para reverter esse processo, os moradores da periferia lutam por melhores condições de vida e mais oportunidades de emprego nas regiões periféricas, por mais transportes que conectam a periferia com o centro e pela aceitação da cultura da periferia no ambiente urbano (graffiti, rap, street dance, etc). A periferia resiste às suas condições controversas na cidade.

Resistência Operária

O desenvolvimento dos ambientes fabris proporcionou uma forte demanda por um amplo número de trabalhadores, capaz de seguir o ritmo das encomendas e das projeções de lucro dos industriários da época, os chamados de “operários”. O preço estipulado pela força de trabalho do operário caía em função da grande disponibilidade de trabalhadores. Sem instalações apropriadas e nenhuma segurança, as fábricas ofereciam risco de danos à saúde e à integridade física dos operários. Tantas adversidades acabaram motivando as primeiras revoltas do operariado, contra as próprias máquinas, quebrando-as. Anos mais tarde, a participação política dos operários que, na época, não tinham direito ao voto. Com o passar dos anos, os trabalhadores passaram a instituir organizações em prol dos seus próprios interesses.



As chamadas trade-unions tinham caráter cooperativista e ao mesmo tempo político. Com sua força política representada, os trabalhadores conquistaram melhores condições de trabalho, a redução da jornada de trabalho e o direito à greve. Dessas mobilizações surgiram os primeiros sindicatos que, ainda hoje, tem grande importância para a classe trabalhadora. A classe operária resiste à opressão da burguesia.

Resistência indígena

Os povos indígenas compreendem um grande número de diferentes grupos étnicos que habitam o país desde milênios antes do início da colonização da América. A resistência dos índios, no período colonial, se fazia pela fuga dos aldeamentos missionários e de outros tipos de cativeiro, pela defesa das aldeias contra as investidas dos Bandeirantes, por ataques a vilas e fazendas, bem como por formas variadas de suicídio, quando aprisionados. Hoje em dia, a resistência indígena luta por um projeto de sociedade, no qual esteja assegurado o direito de existência, social e cultural, dos povos indígenas e por um direito conquistado na Constituição Federal de 1988: o reconhecimento e a demarcação das terras tradicionalmente ocupada pelos seus povos.

Resistência pelo direito de manifestação

Recebe o nome de liberdade de expressão a garantia assegurada a qualquer indivíduo de se manifestar, buscar e receber ideias e informações de todos os tipos, com ou sem a intervenção de terceiros, por meio de linguagens oral, escrita, artística ou qualquer outro meio de comunicação. A censura tem o poder de vetar, invalidar trechos e estrofes de textos musicais, roteiros de teatro, filmes, transmissões de rádio e televisão, assim como reprimir manifestações sociais, limitando a liberdade de expressão. Se por um lado a censura busca acabar com a livre expressão, controlando a sociedade política e moralmente, por outro, fortalece a resistência. A busca por alternativas e múltiplas formas de resistência em um cenário em que a imprensa alternativa cumpre importante papel, os muitos artistas que seguem lutando para burlar a censura e que produzem desde o exterior, muitas vezes do exílio, críticas e denúncias à realidade vivenciada no local de censura são exemplos desse fortalecimento.

Segundo Copo – Pequenas ações



Ao pensarmos em resistência sempre voltamos nossos olhares as grandes atitudes heroicas que conhecemos, aquelas que afetam um grande número de pessoas. Sabemos porém, que não são somente essas atitudes que são significativas e que em momento difíceis quando mantemos nossas pequenas ações do dia a dia estes atos também tornam-se algo grandioso e representam resistência.

Aproveitamos esse segundo copo para ressaltar justamente essas pequenas atitudes que nos são de extrema importância. Lembramos nesse momento daquelas pessoas que mesmo no meio de toda a opressão durante a shoá lutaram através da realização de shabatot escondidos, de rezas em esconderijos, usando kipot nas ruas e se esforçando para manter nossa tradição e cultura.

Le chaim!

Chad Gadya

A Cantora Chava Alberstein é sem dúvidas um dos pilares da música Israelense. Em sua polêmica versão de 1989 para a clássica música do Seder, ela nos convida a pensar sobre os ciclos de violência e como eles afetam nosso cotidiano. Que tipo de pessoas nos tornamos quando estamos envolvidos pela violência e assim a naturalizamos? E mais importante, como podemos nos transformar e nos libertar dessa realidade? Junto com Alberstein, nos do Habonim Dror, gostaríamos de responder ao “Ma Nishtana” (o que mudou?) com um claro: Eu mudei!

O cordeiro! O cordeiro! Meu pai o comprou por apenas dois suz Assim conta a Haggada	dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya. kana avinu gdi bishnei zuzim Kach mesaperet hahagadah	דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא קנה אבינו גדי בשני זוזים כך מספרת ההגדה
Veio o gato e atacou o cordeiro Cordeiro pequeno cordeiro branco	bahachatul vetaraf et hag'di g'di katan g'di lavan.	בא החתול וטרף את הגדי גדי קטן גדי לבן
O cão d e mordeu o gato Que atacou o cordeiro Que meu pai comprou por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro!	uva hakelev venashach lachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi. dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya.	ובא הכלב ונשך לחתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא
Então veio o bastão E se abateu sobre o cão Que mordeu o gato Que atacou o cordeiro que meu pai	ve'i mizeh hofi'a makel gadol vechavat bakelev shenavach bekol hakelev shenachash et hachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi.	ואי מזה הופיע מקל גדול שחבט בכלב שנבח בקול הכלב שנשך את החתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא...

<p>comprou Ele o comprou por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro!</p> <p>Então veio o fogo e consumiu o bastão Que abateu o cão Que mordeu o gato Que atacou o cordeiro que meu pai comprou Por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro!</p> <p>Então a água veio apagar o fogo Que consumiu o bastão Que abateu o cão Que mordeu o gato Que atacou o cordeiro que meu pai comprou por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro</p> <p>E veio o boi e bebeu a água que apagou o fogo Que queimou o bastão Que abateu o cão Que mordeu o gato Que atacou o cordeiro que meu pai comprou Por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro</p> <p>Veio o açougueiro que matou o boi que bebeu a água Que apagou o fogo Que consumiu o bastão Que abateu o cão Que mordeu o gato Que atacou o cordeiro que meu pai comprou</p> <p>Então veio o Anjo da Morte que matou o açougueiro Que matou o boi que bebeu a água Que apagou o fogo Que consumiu o bastão Que abateu o cão Que mordeu o gato</p>	<p>dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya</p> <p>ve'az partzah ha'esh vesarfah et hamakel shechavat bakelev hamishtolel shenasach lachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi. dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya</p> <p>uva'u hamayim vechivu et ha'esh shesarfah et hamakel shechavat bakelev shenashach hachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi. dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya</p> <p>uva hashor sheshatah et hamaim shekivu et ha'esh shesarfah et hamakel Shechavat bakelev shenashach et hachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi. dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya</p> <p>uva hashochet sheshachat et hashor sheshatah et hamaim shekivu et ha'esh shesarfah et hamakel shechavat bakelev shenashach et hachatul shetaraf et hag'di she'avinu hevi.</p> <p>uva mal'ach hamavet veharag et hashochet sheshachat et hashor sheshatah et hamaim shekivu et ha'esh shesarfah et hamakel shechavat bakelev shenashach et hachatul shetaraf et hag'di she'avinu</p>	<p>ואז פרצה האש ושרפה את המקל שחבט בכלב המשתולל שנשך לחתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא</p> <p>ובאו המים וכיבו את האש ששרפה את המקל שחבט בכלב שנשך החתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא</p> <p>ובא השור ששתה את המים שכיבו את האש ששרפה את המקל שחבט בכלב שנשך החתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא</p> <p>ובא השוחט ששחט את השור ששתה את המים שכיבו את האש ששרפה את המקל שחבט בכלב שנשך החתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא</p> <p>ובא מלאך המוות והרג את השוחט ששחט את השור ששתה את המים שכיבו את האש ששרפה את המקל שחבט בכלב שנשך החתול שטרף את הגדי שאבינו הביא דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא</p>
---	---	--

<p>Que atacou o cordeiro que meu pai comprou Por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro</p> <p>Mas por que você está cantando o Chad Gadya? A primavera não chegou ainda, nem Pessach está vindo. E o que mudou para você, o que mudou? Eu mudei este ano! E todas as noites, todas as noites Eu fiz apenas quatro perguntas Mas esta noite, me vem uma outra pergunta: Até quando durará esse ciclo de horror?</p> <p>Perseguidor e perseguido, Agressor e vítima Quando terminará essa loucura? E o que mudou para você, o que mudou? Eu mudei este ano</p> <p>Eu já fui uma vez um carneiro e um cordeiro harmonioso Hoje eu sou um tigre e um lobo predador Eu já fui uma pomba e fui uma gazela Hoje eu não sei quem eu sou</p> <p>Meu pai o comprou por apenas dois suz O cordeiro, o cordeiro Nosso pai o comprou por apenas dois suz E voltamos ao ponto de partida</p>	<p>hevi. dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya</p> <p>vemah pit'om at sharah chad gadya - aviv od lo higia upesach lo ba? vemah hishtanah lach, ma nishtana? ani hishtaneti li hashanah! shebchol haleilot, bchol haleilot sha'alti rak arba kushiot, halailah hazeh yesh li od she'elah: "ad matai yimashech ma'agal ha'imah?"</p> <p>rodef unirdaf, makeh umukeh matai yigamer hateruf hazeh? mah hishtanah lach, ma nishtana? ani hishtaneti li hashanah.</p> <p>haiti pa'am keves ug'di shalev, hayom ani namer uze'ev toref haiti kvar yonah vehaiti tz'vi hayom eini yoda'at mi ani.</p> <p>dazvin aba bitrei zuzei, chad gadya, chad gadya kana avinu gdi bishnei zuzim veshuv matchilim mehahatchalah</p>	<p>ומה פתאום את שרה חד גדיא? אביב עוד לא הגיע ופסח לא בא. ומה השתנה לך מה השתנה? אני השתניתי לי השנה! ובכל הלילות בכל הלילות שאלתי רק ארבע קושיות הלילה הזה יש לי עוד שאלה: עד מתי יימשך מעגל האימה?</p> <p>רודף הוא נרדף מכה הוא מוכה מתי ייגמר הטירוף הזה ומה השתנה לך מה השתנה? אני השתניתי לי השנה</p> <p>הייתי פעם כבש וגדי שליו היום אני נמר וזאב טורף הייתי כבר יונה והייתי צבי היום איני יודעת מי אני</p> <p>דזבין אבא בתרי זוזי חד גדיא חד גדיא קנה אבינו גדי בשני זוזים ושוב מתחילים מהתחלה.</p>
---	---	--

עבדים היינו - AvadimHainu



Avadim hainu, hainu
Ata benei chorin, benei
chorin
Avadim hainu
Ata, ata beneichorin,
beneichorin

הָיִינוּ, הָיִינוּ עֲבָדִים
חֹרִין בְּנֵי, חֹרִין בְּנֵי עַתָּה
הָיִינוּ עֲבָדִים
חֹרִין בְּנֵי, חֹרִין בְּנֵי עַתָּה, עַתָּה

Escravos fomos, fomos
Agora somos livres, livres
Escravos fomos
Agora, agora somos livres,
livres

Éramos escravos do Faraó no Egito e Moshe libertou-nos com força e determinação. Não tivéssemos sido libertados do Egito, nós, os nossos filhos, e os filhos de nossos filhos ainda seríamos escravos. Ao contarmos a história às novas gerações também precisamos aproveitar para lembrar algo que a Tora costuma dizer muitas vezes: “Não maltratareis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós mesmos fostes estrangeiros nas terras do Egito”. Assim, enquanto estivermos cantando essa música devemos refletir sobre as diversas formas de escravidão que existiram, entre elas a dos negros no Brasil. Eles foram explorados durante séculos e uma das maneiras que encontraram para resistir e manter suas culturas vivas foi a formação de quilombos, locais que permitiram uma nova possibilidade de vida, conciliando resistência e negociação, rejeição e convivência. Infelizmente ainda hoje, em decorrência dessa visão de mundo que sustentou o Brasil por tanto tempo, o preconceito contra negros é profundo e pode ser verificado em diversos âmbitos. Também não podemos esquecer que a escravidão no mundo ainda existe, mesmo que de outra forma, e devemos combatê-la sempre.

Terceiro Copo – Justos entre as nações

Entre os grupos que resistiram na shoá, há os não judeus que arriscaram sua vida para salvar vidas de judeus perseguidos pelo regime nazista. Esses receberam um prêmio, instituído pelo Memorial do Holocausto, de “Justos entre as nações”.

Um exemplo foi Irena Sandler, também conhecida como o “Anjo do Gueto de Varsóvia”, que salvou mais de 2500 vidas abrigando crianças judias em seu lar e fornecendo alimento, roupas e medicamentos para as pessoas que viviam nos guetos. Quando andava pelas ruas do gueto, usava uma braçadeira com Magen David, como símbolo de solidariedade. Além disso, não se contentava com apenas manter a vida das crianças. Criou um arquivo com todos os seus nomes e dados, pois não queria que



perdessem suas identidades e as histórias de sua família. Foi perseguida e torturada pela Gestapo, polícia nazista.

Irena, assim como várias outras pessoas que receberam o prêmio, apresenta uma história de heroísmo baseada na empatia e no respeito ao próximo. Pela sua força e coragem na luta de resistência,

Le chaim!

Dayenu – דַּיְנוּ

Dayenu, tradicionalmente, vem com o propósito de nos lembrar o quão agradecidos somos a Deus por todos os presentes dados ao povo judeu, tais quais, ter nos tirado da escravidão do Egito, ter nos dado a Torah e também o Shabat. Muitas vezes, olhamos para trás e pensamos como somos vitoriosos por toda nossa história, por tudo que passamos e, ainda assim, sobrevivemos e aqui estamos. Porém, quantas são as vezes que refletimos olhando para frente?

Hoje gostaríamos de propor algo diferente do habitual. Que cada um possa enxergar o futuro e perceber que ainda existem muitas batalhas a serem travadas e vencidas. Que possamos nos lembrar que apesar de estarmos aqui, brindando em família, há muitas outras que ainda não possuem a possibilidade de desfrutar dessa liberdade. (Lo Dayenu - Kibutz Harel – Israel 1988)

Se a escravidão fosse abolida, porém o salário dos negros fosse 59% menor que o dos brancos, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)!

Se o casamento gay fosse liberado, porém 53% dos brasileiros fossem contra, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)!

Se os refugiados fossem recebidos pelos países, porém continuassem sendo marginalizados. Ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)!

Se fosse criada uma lei contra a violência às mulheres, porém ocorresse um estupro a cada 11 minutos, ainda assim, Lodayenu (não seria suficiente)!

Por isso, fazemos questão de mostrar que, assim como tudo pelo que passamos ao longo da história, essas batalhas somente serão vencidas se nos transformarmos em agentes de mudança. Que não nos deixemos cair na inércia cotidiana e que pouco a pouco, possamos construir juntos um mundo melhor!

Propomos também que cada um tire um tempinho para pensar no seu próprio



lodayenu. Como nós, que graças a Moshe hoje somos livre, podemos melhorar o nosso dia a dia pensando o que ainda queremos melhorar, que não é suficiente para nós e como cada um pode ajudar para que essas melhoras aconteçam no mundo.

O Copo de Miryam

Um conto de midrash diz que o misterioso poço com água da vida que acompanhava o povo de Israel pelo deserto era graças a presença de Miriam. Essa água garantia a sobrevivência dos judeus durante a transformação de uma nação escrava a uma nação livre. Quando Miriam morreu uma seca foi enfrentada no caminho a Canaã.

Hoje relembremos esse midrash e pedimos que a sua presença habite entre nós enquanto nos reunimos aqui esta noite. Que o Copo de Miriam, reluzente com água que energiza a alma, nos chame para confiarmos em nós mesmos. Que todos aqueles que estão prontos, venham e o encham. Que todos aqueles que estão sedentos, venham e bebam. Que o ano que vem ainda nos encontraremos em nossa jornada.



EliahuHanavi - אליהו הנביא

Eliyahu hanavi
Eliyahu hatishbi,
Eliyahu hagil'adi -
Bim'hera yavo heleinu,
im mashiach ben David.

הַתִּשְׁבִּי אֵלֵיָּהוּ הַנָּבִיא אֵלֵיָּהוּ
הַגִּלְעָדִי אֵלֵיָּהוּ
בֶּן מֹשִׁיחַ עִם אֲלֵינוּ יָבֵא בְּמַהֲרָה
דָּוִד

Eliahu, o profeta
Eliahu, o "tishbita"
Eliahu, o guiladita
Rapidamente virá a nós
Com o messias, filho de David

Eliahu Hanavi, o Profeta Elias, é um hóspede ilustre, aguardado há séculos. Conforme a tradição, na noite do Seder ele visita todos os lares judaicos, com a mensagem de fé, esperança, paz e harmonia. Mas, existe um motivo ainda mais

humanitário neste ato, que é o de abrir as portas para todos que tem fome.

Até hoje não veio, e não é certo que nos visite nesta noite. Não tem importância. O importante é que nossa porta esteja aberta. Para o profeta ou para nosso vizinho; para o Messias ou para o pobre que nos vem pedir um pouco de comida.

Rabbi Neil Gilman diz que abrimos a porta, neste momento do seder para perceber que, apesar de a nossa jornada da opressão para a redenção, esta noite, o mundo ainda não foi totalmente resgatado e ainda está repleto de injustiças. Ao nos confrontarmos com a realidade, somos chamados a sermos parceiros de Miriam e Elias, trabalhando por um mundo em que cada nação e cada pessoa pode ser ainda melhor com os outros e comemorar suas conquistas nacionais e pessoais em conjunto. Que sejamos como Eliahu, pessoas com potencial e vontade para mudar e repara o mundo.



LeShana Habaá BeYerushalaim - לשנה הבאה בירושלים

Le shanahabaa be
Yerushalaim
Le shanahabaa be
Yerushalaim
Le shanahabaa be
Yerushalaim
Le shanahabaa be
Yerushalaim a bnuiá

בירושלים הבאה לשנה
בירושלים הבאה לשנה
בירושלים הבאה לשנה
בירושלים הבאה לשנה
הבנויה

No ano que vem em
Jerusalém
No ano que vem em
Jerusalém
No ano que vem em
Jerusalém
No ano que vem em
Jerusalém construída



É muito estranho pensar que a quatro anos nós tínhamos acabado de entrar na shchavot bogrot e estávamos começando a descobrir nossa identidade tnuati. Desde então cada momento nessa tnuá nos fez querer cada vez mais a chegada do ano de 2018.

Na história de Pessach, nossos ancestrais tiveram que lidar com o desconhecido e incertezas na ida para Israel, assim como nos aguarda o

próximo ano, repleto de novas experiências, conhecimentos, questionamentos e aprendizados.

Nossas expectativas não podiam ser maiores.

Obrigado a todos que nos ajudaram a chegar nesse tão esperado momento.

Le shana haba be yerushalaim

Magshimim 2017.

Quarto Copo – Resistência Histórica

Para o último copo, trataremos do que estamos considerando aqui como resistência histórica: ela se refere aos sobreviventes, livros, museus e filmes; são fonte de conhecimento e de aprendizado sobre os ocorridos no Holocausto, e é justamente através de tais fontes que nossa memória continua viva sobre os relatos.

*“Quando os nazis vieram buscar os comunistas,
eu fiquei em silêncio;*

eu não era comunista.

*Quando eles prenderam os sociais-democratas,
eu fiquei em silêncio;*

eu não era um social-democrata.

Quando eles vieram buscar os sindicalistas,



*eu não disse nada;
eu não era um sindicalista.
Quando eles buscaram os judeus,
eu fiquei em silêncio;
eu não era um judeu.
Quando eles me vieram buscar,
já não havia ninguém que pudesse protestar.”*

Hoje, cabe a nós, seres de formação crítica, protestarmos. É nosso dever lutarmos contra qualquer forma de opressão, discriminação e desrespeito, ainda muito persistentes em nossa sociedade.

Que nunca mais se repita. Lembrar para jamais esquecer.

Le Chaim!

Echad mi yodea? – אֶחָד מִי יוֹדֵעַ

Essa é uma canção muito tradicional que sempre cantamos nos sedarim de pessach na qual falamos sobre 13 símbolos da cultura judaica. Esse ano, como estamos falando de resistência procuramos relacionar inclusive essa nossa tradição, de cantar o “Echad mi yodea?”, com o tema do Seder.

A Companhia de dança Batsheva (em hebraico: להקת בת שבע) é conhecida mundialmente e fica em Tel Aviv, Israel. Foi fundada por Martha Graham e Baronesa Batsheva de Rothschild em 1964. Em 1990 Ohad Naharin foi nomeado como diretor artístico e continuou dirigindo a Companhia desde então. Naharin também desenvolveu uma linguagem de movimento conhecida como Gaga que tornou-se específica do Batsheva. Essa tem sido tão influente no mundo da dança moderna que, em 2015, um documentário intitulado “Gaga: o amor pela dança”, criado por Tomer Heymann, explora as maneiras pelas quais a linguagem do Gaga moldou a dança moderna como um todo.

O início do trabalho de Naharin é marcado pela coreografia do “echad mi yodea?”. Os dançarinos formam um semicírculo e a peça Decadance, onde se encontra a coreografia, começa com um narrador falando estas palavras em uma voz assombrosa: "A ilusão de beleza é a linha fina que separa a loucura da sanidade, o pânico por trás do riso e a coexistência de fadiga e elegância". O ponto de exclamação



da coreografia é a imagem final: o elenco de pé, cru e sem remorso, em suas roupas íntimas gritando um canto final de um dos versos. Uma das interpretações da dança diz que os chapéus pretos e os ternos sugerem vestuário chassídico que, emparelhado com a canção tradicional expressa uma forte imagem judaica; Os movimentos de se sentar e levantar representam os judeus na sinagoga; As pilhas de roupas jogadas sugerem fotografias do Holocausto; O trabalho dos dançarinos através da coreografia e sua luta poderia ser lido como uma homenagem histórica à construção de Israel. Outra interpretação possível é a de que à medida que os dançarinos, vestidos iguais e sentados em cadeiras, iniciam uma nova sequência de movimentos, tirando suas roupas externas, os padrões de movimento sugerem a seguinte metáfora: a conformidade é descartada e a individualidade é afirmada.

No ano de 1998, na comemoração do aniversário de 50 anos de Israel, aconteceu uma situação na qual a estética, a política e a religião entraram em conflito. A situação transbordou quando a Companhia de dança Batsheva não apareceu no evento de Yom Haatzmaut como estava previsto. Ohad Naharin, diretor artístico e coreógrafo de Batsheva, havia renunciado depois que funcionários do governo foram contra a apresentação da sua coreografia original. Alguns partidos religiosos se opuseram à idéia de que os bailarinos (homens e mulheres) estariam se apresentando com roupas íntimas em uma celebração nacional. Naharin foi pressionado pelo primeiro ministro para que os dançarinos aparecem de roupa interior longa. O coreógrafo não aceitou a censura.

Vemos que a posição tomada pelo coreógrafo e sua companhia foi um ato de resistência a intolerância religiosa que interpretou a coreografia de forma literal e apenas pelo lado da estética, colocando a forma com um valor igual ao conteúdo, sentimento não compartilhado pelos dançarinos do Batsheva. A questão básica é como a dança deve ser entendida, ela pode ter muitas leituras.

"Se eu pudesse escrever, eu não teria que dançar"

(Isabel Duncan - considerada uma da precursora da dança moderna)

Echad mi yodea?	אֶחָד מִי יוֹדֵעַ?	Um quem sabe?
Echad ani yodea:	אֶחָד אֲנִי יוֹדֵעַ:	Um eu sei:
Echad eloheinu shebashaimim uvaaretz	אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַשְׁמַיִם וּבָאָרֶץ.	Um Deus que está no céu e na terra
Shnaim mi yodea?	שְׁנַיִם מִי יוֹדֵעַ?	Duas quem sabe?
Shnaim ani yodea:	שְׁנַיִם אֲנִי יוֹדֵעַ:	Duas eu sei:
Shnei luchot habrit	שְׁנֵי לְוַחוֹת הַבְּרִית, אֶחָד אֱלֹהֵינוּ שֶׁבַשְׁמַיִם וּבָאָרֶץ.	Duas tábuas da lei



uvaaretz
 Shneim asar mi yodea?
 Shneim asar ani yodea:
 Shneim asar shivtaya, Achad asar
 kochvaya
 Asara dibraya, Tish'a yarchei leida
 Shmona yemei mila, Shiv'a yemei
 shabta
 Shisha sidrei mishna, Chamisha
 chumshei tora
 Arba imahot, Shlosa avot
 Shnei luchot habrit
 Echad eloheinu shebashamaim
 uvaaretz

 Shlosa asar mi yodea?
 Shlosa asaraniyodea
 Shlosa asarmidaya, Shneim asar
 shivtaya
 Achad asar kochvaya, Asara
 dibraya
 Tish'a yarchei leida, Shmona
 yemei mila
 Shiv'a yemei shabta, Shisha sidrei
 mishna
 Chamisha chumshei tora, Arba
 imahot
 Shlosa avot, Shnei luchot habrit
 Echad eloheinu shebashamaim
 uvaaretz

שנים עשר שבטיא, אחד עשר
 כוכביא,
 עשרה דבריא, תשעה ירחי
 לדה,
 שמונה ימי מילה, שבעה ימי
 שבתא,
 ששה סדרי משנה, חמשה
 חמשי תורה,
 ארבע אמהות, שלשה אבות
 שני לוחות הברית
 אחד אלהינו שבשמים ובארץ

 ?שלשה עשר מי יודע
 :שלשה עשר אני יודע
 שלשה עשר מדיא, שנים עשר
 שבטיא,
 אחד עשר כוכביא, עשרה
 דבריא,
 תשעה ירחי לדה, שמונה ימי
 מילה,
 שבעה ימי שבתא, ששה סדרי
 משנה,
 חמשה חמשי תורה, ארבע
 אמהות,
 שלשה אבות, שני לוחות
 הברית,

Deus que está no céu e na terra
 Doze quem sabe?
 Doze eu sei:
 Doze tribos, Onze estrelas
 Dez mandamentos, Nove meses
 para o nascimento
 Oito dias para a circuncisão, Sete
 dias da semana
 Seis livros da mishná, Cinco livros
 da Torá
 Quatro matriarcas, Três
 patriarcas
 Duas tábuas da lei
 Um Deus que está no céu e na
 terra

 Treze quem sabe?
 Treze eu sei:
 Treze atributos de Deus, Doze
 tribos
 Onze estrelas, Dez mandamentos
 Nove meses para o nascimento,
 Oito dias para a circuncisão
 Sete dias da semana, Seis livros
 da mishná
 Cinco livros da Torá, Quatro
 matriarcas
 Três patriarcas, Duas tábuas da
 lei Um Deus que está no céu e na
 terra

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, a presença de todos chaverim, pós-bogrim, pais e chanichim e amigos por compartilhar conosco desta linda noite. Também à Moshe Sharret que nos deu suporte para realizar, por mais um ano, o nosso evento de Pessach.

Agradecemos a todos que contribuíram para a criação dessa Hagadá escrevendo textos, expressando opiniões e nos capacitando em relação ao conteúdo.

Esperamos que todos tenham aproveitado muito. Vemos vocês ano que vem e nos próximos eventos. Tenham todos uma boa noite!

Todá Rabá!

חג פסח שמח !



